



29 de Abril de 2013

O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem

**A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico
e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira**

Valor ECONÔMICO

EMPRESAS RECLAMAM E GOVERNO MODIFICA CÓDIGO DE MINERAÇÃO

Diante da chiadeira das empresas, o governo promoveu mudanças de última hora nas discussões do novo código de mineração, que poderá sair por medida provisória. Além de desistir da cobrança de participações especiais em jazidas com alta produtividade, a alíquota máxima dos royalties será de 4% e fixada em lei, em vez do limite de 6% inicialmente definido. Com isso, a ideia é evitar uma situação de instabilidade no setor, com um risco permanente de que picos de preço no mercado internacional de commodities metálicas se revertam em uma dose adicional de tributação sobre as mineradoras.

"Retrocedemos em algumas questões, por ponderações do próprio setor", disse o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, em entrevista ao Valor. Ele mesmo tomou a iniciativa de citar exemplos. "Provavelmente não vamos mais incluir participações especiais no novo código", afirma Lobão, referindo-se à taxa extra de grandes jazidas, como as explorações minerais na Serra dos Carajás (PA) e no Quadrilátero Ferrífero (MG), de forma semelhante ao que já ocorre na indústria do petróleo e gás.

A alíquota máxima da Compensação Financeira pela Exploração Mineral (Cfem), o royalty da mineração, vai aumentar menos do que o previsto. Hoje, a Cfem varia de 0,5% a 3%. O minério de ferro é taxado em 2%. "Em um primeiro impulso, imaginamos um máximo de 6%, mas agora limitamos a 4%", diz Lobão.

O limite estará definido em lei, evitando a hipótese de que um mero decreto presidencial eleve a cobrança, o que cria uma espécie de blindagem contra a sede de arrecadação em momentos de preços altos no mercado internacional. "Não queremos gerar instabilidade", justifica o ministro.

A alíquota mínima cairá para zero. Isso permitirá a desoneração de rochas ornamentais, agregados de construção (como argila, areia e brita) e insumos para fertilizantes agrícolas. Com a nova política de royalties, a estimativa do governo é que o patamar de arrecadação anual da Cfem passe para R\$ 4 bilhões. Em 2012, a compensação atingiu R\$ 1,8 bilhão. A cobrança será feita pelo faturamento bruto das mineradoras, não mais pelo líquido, mas a desistência de criação das participações especiais e a desoneração de minérios básicos diminuíram a perspectiva de alavancar ainda mais esses valores.

Lobão faz questão de ponderar: "Essas são as decisões a que chegamos, mas elas podem ser revistas até o último instante". O novo código está muito próximo de ser anunciado pela presidente Dilma Rousseff, segundo ele, e a tendência é que o pacote seja enviado ao Congresso por medida provisória. "A nossa inclinação é essa, para dar mais rapidez. Se formos encaminhar como mensagem ao Congresso, essa discussão leva dois ou três anos. Uma MP pode ser discutida pelos parlamentares do mesmo modo."

Em um sinal de armistício com as mineradoras, o ministro também não é mais taxativo, como foi três semanas atrás, sobre a licitação de áreas com jazidas que já têm portarias de lavra pedidas - com pesquisas concluídas e licenças ambientais obtidas -, dependendo apenas de uma assinatura do próprio Lobão para iniciar sua produção. Pelo menos 120 minas estão nessa situação, que afeta empresas como Vale, AngloGold e Bahia Mineração.

No início de abril, o ministro havia dito que essas jazidas não tinham nenhum direito assegurado, e eram passíveis de entrar no sistema de licitações que será criado com o novo código, provocando uma reação negativa das mineradoras. Agora, Lobão adotou uma postura mais cautelosa, sem antecipar conclusões.

"Temos uma tradição de cumprimento rigoroso da lei e dos contratos. Desejamos compensar essas pessoas pelos esforços que elas fizeram, sem perder de vista os ditames da nova lei. É possível que obtenham a portaria de lavra. Estamos estudando isso para resolver a questão", afirma o ministro.

Pelo novo código, as concessões serão dadas aos vencedores das licitações de áreas minerais por um período de 30 anos, que poderá ser prorrogado por mais 20 anos. Hoje, a empresa que explora uma jazida pode retirar minério enquanto durarem as reservas, sem limite de tempo.

No pacote da mineração, conforme já disse o ministro diversas vezes, há três projetos - ou MPs - diferentes: um atualiza o marco regulatório em si e cria o Conselho Nacional de Política Mineral, que definirá as áreas licitadas; o outro trata especificamente dos royalties; o terceiro transforma o Departamento Nacional de Produção Mineral (DPNM) em agência reguladora para o setor.

Para Lobão, o governo não tratou do assunto a portas fechadas. Lembrou que houve reuniões com governos estaduais, associações de municípios e entidades empresariais. "Ninguém pode dizer que não foi ouvido", disse.

Autores: Daniel Rittner e André Borges

Fonte: Valor Econômico

Data: 29/04/2013



MINERAÇÃO NÃO TERÁ COBRANÇA DE PARTICIPAÇÕES

O novo código de mineração não deverá mais introduzir a cobrança de participações especiais sobre jazidas com alta produtividade, segundo fonte qualificada da área energética no governo. A avaliação das autoridades que têm discutido o código é que isso "oneraria demais" as mineradoras, disse o funcionário. Nas simulações feitas pelo Ministério de Minas e Energia, a aplicação das participações atingiria aproximadamente 80 grandes explorações minerais, como a de Serra dos Carajás (PA) e o Quadrilátero Ferrífero (MG).

À semelhança do que já existe na indústria de petróleo e gás, o plano inicial era aumentar a tributação sobre essas grandes jazidas, mas os ministérios da Fazenda e do Desenvolvimento viam essa possibilidade com restrições. Prevalece, até agora, a avaliação oficial de que as participações especiais poderiam ter um efeito contrário ao desejado e "sufocar" as mineradoras.

"A tendência é realmente essa", afirmou a fonte. Continua de pé, no entanto, o plano de dobrar as alíquotas da Cfem (o royalty da mineração) e de fazer a cobrança pelo faturamento bruto das empresas (hoje a base é o faturamento líquido).

Autor(a): Por Daniel Rittner

Fonte: Valor Econômico

Data: 24/04/2013



CÓDIGO DE MINERAÇÃO VAI PREVER LICITAÇÃO PARA ÁREAS DE TERRAS RARAS

O novo marco regulatório do setor mineral vai prever a licitação de áreas que contenham as chamadas "terras raras", um grupo de 17 elementos químicos utilizados na fabricação de diversos componentes industriais, como motores elétricos, lâmpadas fluorescentes, baterias, ímãs e catalisadores, além de aplicações militares. Pelas regras atuais, todas as áreas de mineração são oferecidas às empresas que primeiro apresentarem requisição ao Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). O governo vai mexer nesses critérios para emissão de direitos minerários, passando a leiloar as áreas. Dessa forma, o Ministério de Minas e Energia (MME) acredita que vai incentivar o aproveitamento contínuo da jazida, além de coibir as especulações que rondam títulos minerários. Muitas empresas - ou até mesmo pessoas físicas - chegam a passar décadas com autorizações de pesquisa e lavra que nunca utilizaram, alimentando um mercado paralelo de venda desses títulos.

Os leilões não vão se restringir ao grupo das terras raras. O novo código vai propor a criação de áreas especiais de exploração para minerais considerados estratégicos pelo governo. É o caso, por exemplo, das minas de fosfato, potássio e lítio. Ontem, em Washington, o ministro do MME, Edison Lobão, garantiu que o esperado texto do código mineral deverá ser conhecido em 15 dias.

A proposta de lei do governo está ancorada em quatro mudanças. A primeira extingue o DNPM, transformando-o em uma agência reguladora, a chamada Agência Nacional de Mineração (ANM). A segunda proposta fixará prazos para que as empresas que receberam outorgas de jazidas concluam as pesquisas e comecem a produção. A terceira alteração diz respeito à carga tributária do setor. O governo vai mudar as alíquotas da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerários (CFEM), o royalty pago pelas mineradoras. Finalmente, o governo pretende criar o Conselho Nacional de Política Mineral (CNPM).

O interesse pela exploração de terras raras se intensificou nos últimos três anos. Até 2009, o DNPM tinha recebido apenas 28 requerimentos de empresas envolvendo a pesquisa e extração desses minerais. Em 2010 foram 53 pedidos, chegando a 92 pedidos no ano seguinte. Segundo dados revelados ao Valor por meio da Lei de Acesso à Informação, o DNPM informou que, até dezembro de 2012, já havia 199 requerimentos de pesquisa no órgão. O entusiasmo recente com as terras raras está diretamente relacionado ao papel que a China joga no mercado global desses minérios. Os chineses são donos de aproximadamente 48% das reservas já conhecidas de terras raras e respondem por 97% da produção mundial. Só a mina chinesa de Bayan-Obo entrega cerca de 45% da produção global. O problema é que, por causa da explosão de seu consumo interno, nos últimos anos o Ministério dos Recursos e da Terra da China passou a restringir cada vez mais as suas cotas de exportação. Em 2005, a cota total de exportação chinesa foi de 65 mil toneladas. Em 2009, já havia caído para 48 mil toneladas. Em 2011, os chineses só liberaram 30.246 toneladas de terras raras.

O cerco às terras raras causou reações internacionais e levou países da União Europeia, além de Estados Unidos, México e, principalmente, Japão, a baterem nas portas da Organização Mundial do Comércio (OMC) para reclamar do protecionismo chinês. Uma consequência imediata desse

movimento foi, justamente, a retomada de projetos de exploração em países como os Estados Unidos e o Brasil.

Apesar do volume de pesquisas que chegaram ao DNPM, hoje não há exploração efetiva de terras raras no Brasil, embora o país tenha dominado essa tecnologia até meados da década de 80. Um relatório realizado pelo Tribunal de Contas da União (TCU) dá conta de que, atualmente, 18 empreendimentos possuem portaria de lavra para extração de terras raras. Todos estão localizados em Minas Gerais e pertencem à mineradora Vale. Esses projetos não entraram em operação porque, segundo o relatório do tribunal, não apresentaram viabilidade econômica a partir da expedição da portaria de lavra. Praticamente metade das pesquisas requisitadas ao DNPM tem como alvo a Bahia, seguida por Tocantins e Goiás.

Estima-se que o mercado internacional de terras raras movimente cerca de US\$ 3 bilhões, volume que deverá dobrar até o fim desta década. O maior importador é o Japão, seguido por Estados Unidos, Alemanha, França e Coreia do Sul.

Autor(a): André Borges

Fonte: Valor Econômico

Data: 19/04/2013

FOLHA DE S.PAULO

OURO SE TORNA PÉSSIMO INVESTIMENTO COM QUEDA RECENTE DE PREÇO

Nos cofres do Fed (Banco Central dos Estados Unidos), no subsolo de Manhattan, o maior acúmulo mundial de ouro --meio milhão de barras-- já perdeu cerca de US\$ 75 bilhões do seu valor. No Fort Knox, no Kentucky, no Depósito de Lingotes dos EUA, o prejuízo alcançou US\$ 50 bilhões em abril.

O ouro, reserva de riqueza desde tempos imemoriais, ultimamente se revelou um péssimo investimento.

É uma notável reviravolta para um investimento que muitos consideravam tradicionalmente como o mais seguro de todos. O declínio foi tão rápido que alguns analistas de Wall Street estão declarando o fim de uma era. Na última vez em que o metal enveredou por esse caminho, na década de 1980, seu preço levou 30 anos para se recuperar.

O que deu errado? A resposta, em parte, tem a ver com o que deu certo. Analistas dizem que o ouro está perdendo sua atratividade depois de uma estonteante valorização de 650% entre agosto de 1999 e agosto de 2011, quando ele chegou a US\$ 1.888 por onça (28,69 gramas). Desde então, ele perdeu 17% do seu valor.

Dos "hedge funds" (fundos de investimentos de alto risco) aos poupadores comuns, muitos buscaram refúgio no ouro quando a economia mundial esteve à beira de um colapso, em 2009. Agora, as coisas parecem melhores para a economia e, conseqüentemente, piores para o ouro. Ainda por cima, o temor de uma alta inflacionária nos EUA --uma perspectiva que levava os investidores para o ouro-- se provou infundado até agora.

Assim, Wall Street fica cada vez mais pessimista com o metal. O banco francês Société Générale recentemente divulgou um relatório intitulado "O Fim da Era do Ouro", estimando que a cotação continuará em queda pelos próximos anos.

É verdade que o ouro já passou por altos e baixos antes, e quem comprou ouro em 1999 e o guardou teve até agora um resultado muito superior ao da média dos investidores em ações. Mesmo após o recente declínio, o metal ainda acumula alta de 515%.

Mas, para uma geração de investidores, a década do ouro criou a ilusão de que ele continuaria subindo para sempre. O setor financeiro aproveitou essas esperanças para comercializar

cada vez mais investimentos em ouro, fazendo com que a atual queda na cotação seja mais sentida que as anteriores.

Esse triunfo de marketing ficou claro em abril de 2011, quando uma pesquisa Gallup mostrou que 34% dos americanos consideravam o ouro como o melhor investimento em longo prazo, mais do que qualquer outra categoria, incluindo imóveis e fundos mútuos.

É difícil saber quanto dinheiro os americanos comuns investiram no ouro. Mas US\$ 5 bilhões que fluíram em 2009 e 2010 para fundos mútuos focados no ouro ajudaram esses investimentos, segundo a empresa Morningstar, a atingir o valor recorde de US\$ 26,3 bilhões. Desde o pico de abril de 2011, esses fundos já perderam metade do seu valor.

"O ouro é, em grande parte, um mercado psicológico", disse William O'Neill, cofundador da empresa Logic Advisors, que, em dezembro, orientou seus investidores a se desfazerem de todas as suas posições em ouro.

A abrupta reviravolta do metal foi dolorosa também para empresas que estavam lucrando com a febre do ouro.

No ano passado, dois fundos mútuos focados no ouro foram liquidados, após anos de aberturas de novos fundos, segundo dados da Morningstar. A corretora de varejo Goldline, talvez a mais famosa empresa revelada na corrida do ouro de 2011, cortou drasticamente a sua publicidade na TV paga, reduzindo os gastos de US\$ 17,8 milhões em 2010 para US\$ 3,7 milhões, segundo a Kantar Media.

Mas a pior notícia para o ouro é provavelmente uma boa notícia para a economia como um todo, a qual, embora ainda lutando para crescer, já se recuperou dos seus piores níveis.

Profissionais de investimentos, que haviam focado muitas das suas apostas em fundos de índices (ETFs) atrelados ao ouro, foram mais rápidos que os investidores do varejo para perceber a tendência. A sangria no ETF mais popular, o SPDR Gold Shares, foi a maior entre todos os ETFs no primeiro trimestre deste ano, quando "hedge funds" e operadores retiraram US\$ 6,6 bilhões de lá, segundo dados da IndexUniverse. Dois importantes gestores de "hedge funds" que haviam assumido grandes posições em ETFs atrelados ao ouro, George Soros e Louis Bacon, desfizeram-se do investimento em 2012.

"O ouro foi destruído como refúgio e se provou inseguro", disse Soros numa recente entrevista ao "South China Morning Post", de Hong Kong. "Por causa da frustração, a maioria das pessoas está reduzindo sua posse de ouro."

Os mais otimistas dizem que esse ceticismo é precipitado. Peter Schiff, executivo-chefe da empresa de investimentos Euro Pacific Capital, disse que ainda espera que o ouro atinja US\$ 5.000 por onça em poucos anos, porque, segundo ele, o mundo se encaminha para um período de perigosa hiperinflação.

"As pessoas acham que a economia dos EUA está se recuperando", disse Schiff. "Não está."

Autor(a): Nathaniel Popper

Fonte: Folha de São Paulo

Data: 22/04/2013



VALE: METAIS BÁSICOS COMPENSAM QUEDA EM MINÉRIO, DIZEM ANALISTAS

A queda da produção de minério de ferro anunciada pela Vale ontem após o fechamento dos mercados não deve ter impacto negativo na cotação das ações da empresa, segundo analistas, que mantiveram a indicação de compra do papel.

A informação de que um navio cargueiro da empresa entrou em um porto no leste da China nesta semana também poderá favorecer as cotações das ações da mineradora, segundo analistas. De acordo com agências internacionais, um cargueiro Valemax atracou nesta semana na China. O Vale Malaysia teria descarregado minério de ferro no porto Lianyungang, na província de Jiangsu, na segunda-feira. Esta seria a primeira vez em que um Valemax entre em um porto do país desde janeiro de 2012, quando Pequim proibiu o acesso dos maiores cargueiros do mundo. Procurada, a Vale ainda não se manifestou sobre o assunto.

O Bank of America Merrill Lynch (BofA) afirmou em relatório que a produção de minério de ferro da Vale no primeiro trimestre veio mais fraca que o esperado devido a efeitos sazonais. Por outro lado, destacou a produção mais forte de metais base.

A produção de minério de ferro da Vale caiu 3,5% no primeiro trimestre frente o mesmo período do ano anterior, para 67,5 milhões de toneladas. A produção foi 21% inferior na comparação com o quarto trimestre do ano passado e 4% abaixo das expectativas do mercado, lembra a instituição.

“A queda foi provocada por fatores sazonais, como período de chuvas no Brasil, e problemas operacionais em Carajás”, destacou o BofA. “A maior parte desses eventos é sazonal e deve ser corrigida no curto prazo, sustentando a meta de produção da companhia, de 306 milhões de toneladas”, afirma o relatório assinado pelo analista Felipe Hirai.

O BofA destacou o aumento de 2% no trimestre, na comparação com o quarto trimestre do ano passado, da produção de níquel. Também foi destaque, segundo a instituição, o aumento de 11% do cobre no mesmo período.

“Este pode ser um forte sinal de que a Vale está ganhando valor em outros ativos que não o minério de ferro. Reiteramos a indicação de compra para a companhia”, completa o relatório.

A corretora mantém o preço-alvo de US\$ 23 por ação. “Acreditamos que a volatilidade no curto prazo deve continuar, dadas as informações sobre um novo marco regulatório para a mineração e as preocupações com a desaceleração chinesa. No entanto, acreditamos que já houve precificação para um cenário ainda mais negativo”, informa o relatório.

Na opinião de Pedro Galdi, analista da corretora SLW, a queda de 3,5% foi uma surpresa, porque o primeiro trimestre do ano passado teve chuvas ainda mais intensas. “De qualquer forma, a baixa da produção de minério de ferro foi causada por fatores pontuais, como o problema operacional em Carajás”, disse. “E a produção de pelotas foi paralisada por falta de demanda”, disse.

Para o analista, porém, a informação de que um navio cargueiro da Vale entrou em um porto no leste da China nesta semana é positiva para a empresa. “Essa informação anula a notícia não tão positiva da queda de produção, pois a empresa terá economia de custo fantástica na China”, disse.

O J.P. Morgan também destaca a produção de metais base. “A Vale divulgou um balanço de produção positivo no primeiro trimestre, com uma produção marginalmente menor de minério de ferro, ofuscada por uma produção mais forte que o esperado de base de metais”, informou.

Para o Credit Suisse, apesar de a Vale ter apresentado uma produção de minério de ferro menor que a esperada, o desempenho do segmento de metais básicos e os preços elevados do minério devem ser responsáveis por um resultado forte da Vale no trimestre. A empresa divulga o balanço no dia 24, após o fechamento dos mercados.

Autor(a): Luciana Bruno

Fonte: Valor Econômico

Data: 18/04/2013

MINERAÇÃO ESTÁ SOB ALERTA SOBRE OBSTÁCULOS

Indefinições na legislação, perdas nas exportações e freio no investimento fazem setor levar problemas ao governo

O congelamento de investimentos bilionários da indústria da mineração no Brasil é só uma das faces da maior crise institucional que o setor enfrenta em 317 anos de atividade. Depois de perder para a Austrália o posto de maior exportador mundial de minério de ferro – carro-chefe das vendas do país –, a participação brasileira retrocedeu a 12,5% do volume da matéria-prima extraída no planeta em 2012, mesmo nível de meados da década de 1970, mostrando queda de 7,5 pontos percentuais (p.p.) desde 2000, segundo estudo feito pelo Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM). A perda de competitividade ficou evidente também na produção de ouro, segmento em que as reservas brasileiras responderam por apenas 2,55% no ano passado, ante 4,15% no começo dos anos 1980.

Na extração de outras 10 substâncias minerais valorizadas no mercado internacional, o Brasil perdeu para alguns de seus concorrentes, de acordo com o levantamento entregue pelo presidente do instituto, José Fernando Coura, quase na forma de apelo à ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann. Os dados são do próprio IBRAM, do Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), do serviço geológico americano (USGS) e da consultoria Globe Metals & Mining.

O mau desempenho da mineração brasileira, de acordo com Fernando Coura, reflete os principais obstáculos que o setor está enfrentando em decorrência da suspensão de autorizações de pesquisa mineral e alvarás; de concessões e transferências de direitos minerários, há um ano e cinco meses; dos seguidos adiamentos, que completam quatro anos; da proposição ao Congresso Nacional do novo marco regulatório no país; e das exigências da legislação ambiental.

“Rico em recursos minerais e com tecnologia avançada na área, o Brasil está deixando de ser um player global da mineração”, contra-ataca o presidente do IBRAM. Entre 2007 e o ano passado, a Austrália ampliou suas exportações de ferro em 227 milhões de toneladas, enquanto o Brasil não avançou além de um quarto desse volume. Sem explicações para a suspensão de alvarás e outorgas, as empresas entenderam que a decisão está ligada ao debate complicado do novo marco regulatório. Como os projetos de lei em análises na Casa Civil propõem grandes mudanças no Código de Mineração, nos procedimentos e nas modalidades de outorga, teria havido recomendação jurídica para suspensão da emissão dos documentos, evitando liberações de pedidos que podem não se enquadrar nas novas normas.

R\$ 20 bilhões congelados

A tese das empresas é de que o longo tempo de indefinições começa a comprometer investimentos e a geração de empregos. Aportes no valor de R\$ 20 bilhões estariam congelados. Estimativa do IBRAM, com base em dados do DNPM, indica que mais de 5,5 mil requerimentos de pesquisa estão prontos para outorgas do respectivo direito minerário, mas repousam sobre a mesa do ministro de Minas e Energia, Edison Lobão. Esse universo já abrangia em junho do ano passado cerca de 30 mil processos apresentados na sede do órgão em Brasília e nas 25 superintendências, sendo a maioria relativa a áreas localizadas em Minas Gerais. No mesmo período, 55 processos de concessão de lavra aguardavam outorga, inclusive aqueles com licença ambiental expedida. O IBRAM anunciou também investimentos previstos no Brasil, de US\$ 75 bilhões até 2016, sendo 40% em Minas.

Autor(a): Marta Vieira

Fonte: Estado de Minas

Data: 19/04/2013

AMG ANUNCIA RECURSOS DE 14,7 MT DE TÂNTALO EM MG

A empresa anunciou atualizações em seu projeto de tântalo Volta Grande, em Minas Gerais. Os recursos são de 14,7 milhões de toneladas de tântalo, incluindo nióbio, estanho e lítio

A Advanced Metallurgical Group (AMG) anunciou atualização dos recursos de sua mina em Volta Grande, localizada no município de Nazareno, no sul de Minas Gerais. A mina é de propriedade da AMG Mineração, subsidiária da AMG Mining.

De acordo com a última atualização, a mina Volta Grande possui 14,7 milhões de toneladas de recursos medidos e indicados de tântalo, incluindo também os minerais nióbio, estanho e lítio.

Os novos resultados representam um aumento de 153% em relação ao 5,8 milhões de toneladas nas categorias medidas e indicadas observadas no último estudo, concluído em 2010.

Os recursos inferidos aumentaram de 4 milhões para 4,7 milhões e os recursos medidos, indicados e inferidos, juntos, tiveram um aumento de 12,9 milhões de toneladas, para 19,3 milhões.

Os resultados atualizados foram baseados em campanha de sondagem realizada em 2011 e 2012 e em premissas econômicas que refletem as condições atuais do mercado e custos de extração.

A empresa estima que a mina tenha vida útil de aproximadamente 20 anos, baseado no nível de produção atual de concentrado de tântalo, bem como na extração, custos de processamento e na situação atual do mercado.

O tântalo é um metal especial, com alta resistência ao calor e a corrosão, utilizado em capacitores usados em computadores, videogames e smartphones.

O grupo AMG produz ligas de metais especiais e sistemas de fornos a vácuo para os setores de energia, aeroespacial, infraestrutura e químico.

A empresa possui instalações na Alemanha, Estado Unidos, França, Reino Unido, China, México, Turquia, Polônia, Índia, Sri Lanka. A AMG Mining, divisão de mineração do grupo, produz materiais críticos como grafite de alta pureza, tântalo, antimônio e silício metálico.

A capacidade anual de produção de óxido de tântalo da AMG Mineração, em São João Del Rey, por meio da CIF Mineração é de 300.000 de libras. A empresa também produz óxido de nióbio. Em 2012, o faturamento do grupo foi de US\$ 1,215 bilhão.

Fonte: Notícias de Mineração

Data: 23/04/2013

MINÉRIO DE FERRO E OURO IMPULSIONARÃO LUCRO DA VALE

Segundo a estimativa do Santander, a mineradora deve reportar, de janeiro a março, o melhor desempenho operacional desde o terceiro trimestre de 2011

O avanço no preço do minério de ferro, que cresceu aproximadamente 23% até março, na comparação com o quarto trimestre de 2012, e o acordo da Vale com a canadense Silver Wheaton (SLW) de venda de ouro, são os dois principais fatores que devem ter impulsionado o resultado da mineradora brasileira nos três primeiros meses de 2013.

Os pontos acima compensarão o fraco volume de vendas sazonal do período, na avaliação de Felipe Reis e Alex Sciacio, analistas do Santander, que preveem o melhor desempenho operacional para a companhia desde o terceiro trimestre de 2011.

Embora o volume de minério de ferro vendido deva ter caído 2%, em bases anuais, o preço médio por tonelada deve ter aumentado em 8% pelas estimativas do banco.

"O fator preço isoladamente irá adicionar US\$ 1,6 bilhão à linha das receitas da empresa", estimam os especialistas, em relatório.

Para a receita líquida da Vale de janeiro a março, a projeção do Santander aponta evolução de 6% em bases anuais, e estabilidade na margem, para R\$ 11,7 bilhões.

O prognóstico de Reis e Sciacio para o lucro, e para o Ebitda da mineradora foram inflados pelos US\$ 1,9 bilhão decorrentes do acordo com a SLW, anunciado no início de fevereiro, pelo qual a companhia brasileira tem direito a um pagamento inicial nesse valor, por determinada quantia de ouro vendida.

Para o lucro líquido, a estimativa dos analistas aponta alta de 21% na relação anual, para R\$ 4,617 bilhões. A comparação marginal não pode ser feita, já que de outubro a dezembro, a empresa teve prejuízo de R\$ 2,647 bilhões.

Para o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês), o incremento previsto é de 50%, na comparação anual, e de 69%, frente ao período imediatamente anterior, para R\$ 7,427 bilhões.

"Essa previsão de resultados positivos e o fato de ser improvável a adoção do imposto de participação especial no próximo código de mineração brasileiro devem se refletir favoravelmente no preço das ações, embora já fossem esperados de modo geral pelo mercado", ponderam os analistas do Santander, que tem a recomendação de compra para o ativo VALE3, com preço-alvo de R\$ 45, o que corresponde a um potencial de valorização de 34,7% em relação ao fechamento desta terça-feira (23/4).

"Mais importante que vendas e preços neste trimestre será a ausência de perdas, ajustes de ativos e pagamentos extraordinários de impostos, que reduziram o resultado do quarto trimestre de 2012 em US\$ 4,5 bilhões", diz Luiz Francisco Caetano, da Planner, que também recomenda a compra, mas do ativo VALE5, também com preço-alvo em R\$ 45,00, mas que, nesse caso, embute potencial de valorização de 41,1%.

Leitura um pouco mais sóbria fazem Marcos Assumpção e André Pinheiro, do Itaú BBA, que esperam por um balanço apenas neutro da Vale no primeiro trimestre do ano, à medida que, na avaliação desses especialistas, o aumento nos preços da matéria-prima irá somente neutralizar o efeito do menor nível de embarque de minério, e não compensar.

Ainda que os analistas do Itaú BBA não estejam tão otimistas em relação ao balanço da Vale como os do Santander, a recomendação deles para os ADRs da mineradora é de outperform, o que corresponde a aposta de que os ativos terão uma performance acima da média do mercado.

Autor(a): Lucas Bombana

Fonte: Brasil Econômico

Data: 23/04/2013



BAHIA TEM A MAIOR MINA DE DIAMANTES DO BRASIL

A maior mina de diamantes do Brasil foi encontrada no último dia 19 de abril no pequeno Município de Nordestina, na Bahia. A Agência CNM conversou na manhã desta terça-feira, 23, com o

prefeito Wilson Araújo Matos, que fala das expectativas de crescimento local após essa recente descoberta.

Desde 2008, a empresa Lipari Mineração (de origem canadense) iniciou pesquisas em Nordestina, mais especificamente na mina nomeada de Braúna. “Com a descoberta, a produção de diamantes no Brasil vai aumentar 495%.”, conta o prefeito. Só no primeiro, dos 22 lotes, a Lipari vai investir R\$ 100 milhões para produzir 225 mil quilates por ano.

A mina Braúna fica em terras particulares e a empresa pagará pela exploração. A previsão é de sete anos de trabalhos na mina. Isso fará de Nordestina o maior produtor de diamantes brutos da América do Sul. A produção deve começar em 2015.

Licença, arrecadação e investimentos

Nordestina se localiza no semiárido da Bahia, a 359 Km da capital, Salvador. A população local é de 12,5 mil habitantes. De acordo com o prefeito, os recursos naturais não devem ser prejudicados. “Eles têm licença. Não vão agredir o meio ambiente e nem usar produtos químicos, só água. E eles já fizeram uma tubulação”, explica Wilson.

Por causa dos diamantes, Nordestina deve arrecadar R\$ 5 milhões por ano de royalties mineral. “Ainda serão criados no mínimo 500 empregos diretos. Fora a arrecadação do Imposto Sobre Serviços, entre outros”, diz o gestor.

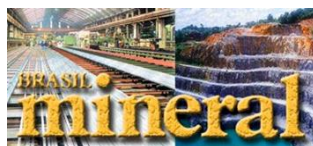
Além do aumento de receita, Nordestina deve ganhar em infraestrutura. “A empresa prometeu melhorar as estradas vicinais. E os empresários se prontificaram a melhorar o local”. Para o transporte da nova riqueza, a Lipari Mineração deve construir um aeroporto na cidade.

Os investimentos em infraestrutura são importantes, porque a descoberta deve atrair novos moradores. “Não tenho dúvida de que vai inflacionar tudo.” Wilson Araújo Matos conta que, com os novos recursos, vai potencializar a Educação, a Saúde e o Saneamento em Nordestina, que também produz ouro.

A economia local era baseada na agricultura, agora é na mineração.

Fonte: Alagoas 24 Horas

Data: 23/04/2013

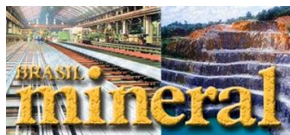


MINÉRIO DE FERRO: FERROUS ATINGE MARCA DE 1 MILHÃO T EM MARÇO

A Ferrous alcançou a marca de 1 milhão de t de minério de ferro produzidas em 2013 já nesse primeiro trimestre, um crescimento superior a 100% na comparação com o mesmo trimestre de 2012. No ano passado, a marca foi atingida apenas em maio. A expectativa da empresa é o que ritmo de produção seja intensificado a partir do segundo trimestre, com a conclusão da implantação de dois separadores magnéticos na mina Viga, em Congonhas (MG). A capacidade de produção instalada nessa mina passará para 4 milhões de t em 2013, viabilizando o cumprimento da meta da Ferrous de produzir 5 milhões de t de minério de ferro este ano. Também está em andamento o projeto Viga 15 milhões de t, uma meta de produção anual desse montante de minério a partir de 2017.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 24/04/2013



VALE: PRODUÇÃO DE MINÉRIO CAI 3,5% NO 1º TRIMESTRE

A produção de minério de ferro da Vale alcançou 67,5 milhões t no 1º trimestre de 2013, 3,5% inferior na comparação com o mesmo período do último ano. Quando comparada com o 4º trimestre do ano passado, o recuo foi de 21%. O volume fabricado de pelotas somou 11,7 milhões t, queda de 11,7% ante o trimestre inicial de 2012. No Sistema Sul, a produção de minério de ferro caiu de 17,7 milhões t para 17 milhões t na comparação dos trimestres iniciais de 2012 e 2013, o que corresponde a queda de 3,5%. No Sistema Sudeste, a produção foi 7,4% inferior, passando de 26,8 milhões t para 24,8 milhões t. A Vale comentou que a produção no Sistema Sudeste foi afetada pelo baixo teor de ferro do minério que alimenta a usina de Itabira (MG), licenças referentes à lavra em Mariana (MG) e a parada para manutenção em Minas Gerais. No Sistema Sul, a queda ocorreu por conta das paradas programadas em Vargem Grande e em Minas Itabirito. No Sistema Norte (Carajás), a produção recuou 0,5%, devido a alguns problemas operacionais. A produção atingiu 21,6 milhões ante as 21,7 milhões t do 1º trimestre de 2012.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 24/04/2013



ANORTHOSITE: WHAT IT IS AND WHY YOU SHOULD CARE

Copper and nickel are two metals modern society cannot get enough of, but there is not enough to go around, says Rick Mills, publisher of Ahead of the Herd.

Add in mounting production costs and you have a supply-and-demand disaster in the making. But when it comes to making fiberglass and aluminum, Mills says in this interview with The Metals Report that he sees a revolution in the making, and its name is anorthosite.

The Metals Report: Rick, you have concerns about supply problems for many industrial metals. Let's start with the importance of copper and nickel to global growth.

Rick Mills: Modern society would grind to a halt without copper and nickel. Nickel has more than 100,000 applications. Copper is everywhere as well. But growing structural imbalances in the supply-and-demand equation do not bode well for future resource extraction. Mining is extremely capital intensive. The initial capital expense (capex) of building and developing a mine is high.

Company-built infrastructure assets—roads, railways, bridges, power generating stations, seaports—are often needed to extract and transport the ore and concentrate. Second, the operating expenses (opex)—rubber tires, wages, fuel, camp costs—are not stable; they keep going up.

TMR: Production costs have been high for a while. Why are you so concerned now?

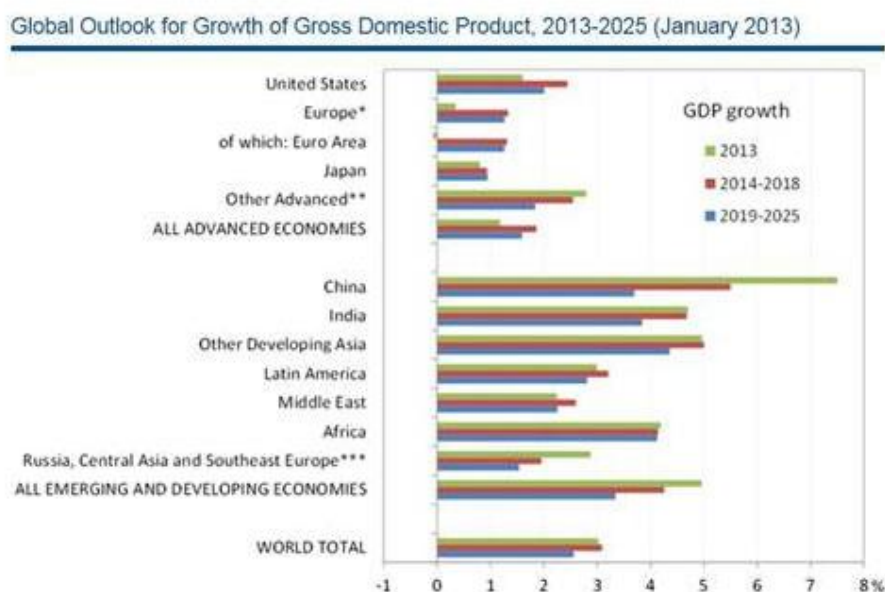
RM: Copper has become especially capital intensive. The low-hanging fruit has been mined. Companies have to go further off the grid to find deposits. The deposits now being mined are getting older; the metallurgy is more complex and grades are going down. In 2000, it cost \$4,000–5,000 on average to build the infrastructure to produce a ton of copper. Now that number is north of \$10,000/ton. Nickel is the only other metal with that kind of increase in capital intensity.

Declining ore grades mean miners need a much larger relative scale of mining and milling operations to get the same amount of metal. New mining projects are often in remote areas of

developing countries with little to no infrastructure. When you are in the middle of the jungle, without access to roads, railways or seaport, you have to build all that. That's why new copper and nickel mines cost upwards of \$8 billion (\$8B).

TMR: Do you think the economy is recovering and how does that impact the demand for copper?

RM: Economies in the developing world—the U.S., Japan, the Eurozone—are not recovering. (See chart below.) I would expect growth to be 1.5-2% for the next couple of years, which is not enough to stimulate new demand. In contrast, the BRIICs (Brazil, Russia, India, Indonesia and China) are expected to grow at least at a 6% average. These countries are undergoing massive industrialization and urbanization that will more than make up for the slowdown in the West.



TMR: Given the copper shortage, will senior companies like Teck Resources Ltd. (TCK:NYSE; TCK.A:TSX) and Vale S.A. (VALE:NYSE) go looking for new deposits or do you see more merger and acquisition activity?

RM: I prefer junior companies that already have a deposit. One that meets my criteria is VMS Ventures Inc. (VMS:TSX.V). Its Reed Lake project in Manitoba, Canada, is a 70/30 joint venture with HudBay Minerals Inc. (HBM:TSX; HBM:NYSE). It will be in production later this year. The ore will be trucked to HudBay's milling and concentrating facilities. By 2015, VMS will have decent cash flow after paying back HudBay, with close to \$100 million (\$100M) flowing to VMS over the current five-year life of mine (LOM). The deposit could grow along with the LOM. Manitoba is mining friendly, has a skilled local workforce and all the infrastructure you need.

TMR: Could HudBay take over Reed Lake outright?

RM: I would rather see HudBay continue as the operator and see VMS use the cash flow. Right now, VMS has \$10M in its treasury. It could use that money to explore or acquire another project. Plus, it already owns 21% of North American Nickel Inc. (NAN:TSX.V).

TMR: What about nickel? Are there shortages there too?

RM: The biggest problem I see with nickel concerns the types of deposits. Nickel deposits come in two forms, sulfide or laterite. About 60% of the world's known nickel resources are laterites. Sulfide metallurgy is much simpler and therefore sulfide nickel is much cheaper to produce. The principal ore mined from sulfide deposits is pentlandite, which has simpler metallurgy. Laterite metallurgy is more complicated, and the deposits are often in equatorial countries that carry higher geopolitical risk. We have not had a new major sulfide discovery in years. They just are not being found anymore. We have laterite nickel deposit discoveries, but there is no simple separation technique for nickel laterites. The rock must be completely molten to enable nickel extraction.

Laterite projects require large economies of scale to be viable because of their higher capital costs per unit. We are looking at north of \$35/pound (35/lb) of capital intensity to build these very large ferronickel and high-pressure acid leach projects.

TMR: You mentioned North American Nickel. Can you tell us more?

RM: North American Nickel started drilling its Maniitsoq, Greenland project last year and got fantastic results. The principal ore is pentlandite, which is the first important factor. The second is that Alex Balogh, former CEO of Falconbridge, is on North American Nickel's advisory board. That is a huge endorsement.

The company has about \$1.5M in the bank and is planning a 3,000-meter drill program at Maniitsoq. It will target high-priority, variable time-domain electromagnetic conductors and follow the open high-grade sulfur mineralization. This is a huge camp, a 100% owned district. VMS and the Sentient Group out of Australia are big supporters. North American Nickel is currently raising \$7.5M for a huge Greenland program this year.

TMR: Our next topic may be new to our readers, a minor metal called anorthosite. What is it and why are you so excited about it?

RM: Anorthosite is calcium feldspar, which is basically sand containing aluminum, calcium, low levels of soda and 1% iron. It could serve as an alternative material in many industrial applications. For example, it could replace kaolin, a major component of glass fiber manufacturing.

TMR: What about anorthosite's potential for aluminum manufacturing?

RM: That is a much bigger prize, but it will take longer to get going. Anorthosite has three things going for it. First, it is highly soluble in hydrochloric acid. Second, if the anorthosite ore contains little iron, it is easy to extract the calcium and the alumina. Third, and most important, acid regeneration technology could allow processors to capture the hydrochloric acid and use it again, saving a lot of money. That could be a cheaper alternative to the Bayer process many producers use today. Bauxite is the main source for aluminum. Today, bauxite producers do not factor in the cost of sequestering their tailings—their red mud—into their expenses. If they did, their margins would change. In the past, producers have dumped their red mud into the ocean—this is not acceptable today. Meanwhile, the process of calcining the bauxite consumes enormous amounts of power, and costs are rising for caustic soda, which is used in this process. The electrolysis process used to create aluminum is also energy intensive.

TMR: What companies are mining anorthosite?

RM: Hudson Resources Inc. (HUD:TSX.V) is working the White Mountain anorthosite project in Greenland. The company had been working on its rare earth and found a large anorthosite body. This stuff is easy to mine. You do a little blasting, a little digging. Hudson Resources has proven it can reduce the anorthosite's iron content by running it through the company's onsite magnetic separator. The soda content is averaging 2.3%. Both of these are below the levels needed to create a ready-mix replacement for kaolin. The company is close to the point where it can load its anorthosite onto a deep-sea cargo ship and transport it anywhere in the world, year round. It has a resource estimate and a prefeasibility report is due out in Q3/13. This company could hit a homerun for investors.

Interestingly, Alcoa Inc. (AA:NYSE) is building an aluminum smelter in Maniitsoq, Greenland. The company has the potential for a 600-megawatt electrical plant up. It is building the plant to provide the cheap hydroelectricity needed for alumina production.

TMR: Rick, we can always count on you for new and different thinking. Thank you.

RM: Thanks for having me.

**Richard Mills is host of www.Aheadoftheherd.com and invests in the junior resource sector. His articles have been published on over 400 websites.*

Autor(a): Sally Lowder of *The Metals Report*

Fonte: Mining.com

Data: 24/04/2013

SIXTY AUSTRALIAN NICKEL MINERS LET GO

Norilsk Nickel is suspending its Lake Johnston mine in Australia and an African mine may be next due to "current nickel market trends".

Sixty Australian workers will be let go at Lake Johnston. The company says they will receive the "legally mandated severance packages."

Nickel prices have dropped 10% this year and analysts are cutting their estimates.

Reuters found company documents showing that Norilsk may also suspend its Tati Nickel mine in Botswana.

Falling nickel prices are hurting the viability of some its mining operations.

"Under current nickel market trends the Company implements a policy of optimizing production site operations ensuring maximum effective utilization of in-house capacities," writes the company.

"Enterprises that are not fully integrated in the Company's production chain (as Lake Johnston) do not provide sufficient profitability levels."

Early this month the company said profits were down 37%.

Both Lake Johnston and Tati Nickel were obtained from Norilsk Nickel's acquisition of LionOre Mining International in 2007.

Lake Johnston could re-open if nickel recovers or geological investigations in the area are positive.

Since the start of the year LME nickel prices have slid from US\$17,400 per tonne to US\$15,080 per tonne.

Autor(a): Michael McCrae

Fonte: Mining.com

Data: 24/04/2013

GOLD PRICE INCHES UP ON PHYSICAL DEMAND, WEAK GERMAN DATA

Gold clawed its way up over \$1,430 Wednesday on strong physical demand and weak industrial and service-sector data from Germany.

Gold prices fell nearly 10% on April 15th, leading to a surge in physical buying – particularly in Asia and in the United States.

This physical demand has remained hot as buyers see bargains in the new, reduced prices.

Gold dealerships in China, India, Singapore and elsewhere in Asia have had trouble keeping shelves of bullion bars and coins sufficiently stocked as people have queued up on the streets to buy.

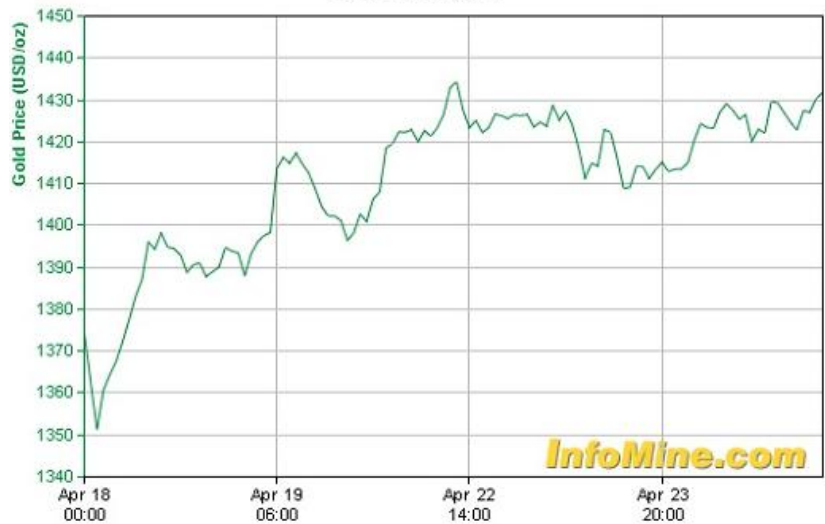
US Mint gold coin sales increased eight fold year-over-year this April.

Concerns that Germany is headed for recession have heightened as the Ifo index, which gauges the German business climate, fell to a four-month low in March.

Gold Price
1,431.60 USD/oz
21:11 UTC 24 Apr '13



Gold Price
1,431.89 USD/oz
21:07 UTC 24 Apr '13



Autor: Anthony Halley
Fonte: Mining.com
Data: 24/04/2013

DIÁRIO DO COMÉRCIO

Minas é o nosso negócio

LICENÇA PARA PROJETO POSSE SAI EM BREVE

Crusader deve receber na próxima semana autorização ambiental para construção de complexo em Caeté

Empreendimento inserido na unidade de conservação da Serra da Piedade
A Crusader do Brasil Mineração Ltda, subsidiária da australiana Crusader Resources, deve receber, na próxima semana, a licença ambiental para iniciar a construção de um complexo minerador destinado à produção de 400 mil toneladas anuais minério de ferro, em Caeté, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).

A Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad) julga na próxima quarta-feira a licença prévia (LP) concomitante com a licença de instalação (LI), que já têm parecer técnico favorável, do empreendimento, denominado projeto Posse.

A mineradora não se pronunciou, mas conforme relatório da Semad, a estrutura do complexo minerador está pronta há dois anos e demandou investimentos estimados em R\$ 22 milhões à época. A vida útil da jazida, em princípio, é avaliada entre seis e oito anos e a produção será majoritariamente destinada ao mercado doméstico.

O início das atividades de produção aguardava a liberação do órgão ambiental porque, em 2010, a Autorização Ambiental de Funcionamento (AAF) foi cancelada pela Superintendência Regional de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Região Central (Supram Central) devido à localização do empreendimento, inserido dentro da Unidade de Conservação e Proteção Integral do Monumento Natural da Serra da Piedade.

Relatório - Conforme informações contidas no relatório da Semad, a lavra será conduzida a céu aberto, em bancadas sucessivas a meia encosta, subverticais, com altura de 10 metros e bermas de 4 metros. O desmonte será feito mecanicamente. Como o minério é friável, o material será desmontado diretamente com escavadeira hidráulica.

O carregamento será efetuado por carregadeiras de porte médio e o transporte por caminhões basculantes da Mercedes Benz ou similar. Em função da característica do minério da empresa, não será necessária a utilização de nenhum tipo de explosivo para a extração mineral. A cava já encontra-se aberta em função de já ter sido explorada no passado.

A Crusader poderia alcançar um volume de produção perto de 1,5 milhão de toneladas anuais do insumo siderúrgico, mas, em função de algumas restrições impostas pelo Departamento Nacional de Pesquisa Mineral (DNPM), a produção ficará na casa das 400 mil toneladas por ano.

Autor(a): Leonardo Francia

Fonte: Diário do Comércio

Data: 26/04/2013



VALE DECIDE ARRENDAR MINA DE NÍQUEL DE R\$2 BI NO PI

A Vale decidiu arrendar direitos minerários de níquel no Piauí de um projeto com investimento estimado em 2 bilhões de reais, informou nesta quarta-feira a superintendente de Projetos do governo do Estado, Lucile Moura.

A empresa de mineração Brazilian Nickel venceu licitação realizada pela Vale para concluir estudos que definirão o projeto, afirmou à Reuters a representante do governo do Piauí.

Representantes da Brazilian Nickel se reuniram com autoridades do Piauí na semana passada para apresentar propostas ao governo local.

"Eles saíram daqui otimistas. Devem terminar esses estudos entre junho e julho", disse Lucile.

Procurada, a Vale, uma das maiores produtoras de níquel do mundo, afirmou que não comenta negociações em andamento.

Em meio a perspectivas mornas de demanda por minérios, a segunda maior mineradora do mundo resolveu vender ativos e adiar projetos para enxugar custos, investindo no que considera mais importante e com expectativa de retorno em prazos mais breves.

A jazida da Vale tem uma expectativa de conter 25 milhões de toneladas de níquel. A mina está localizada em Capitão Gervásio, região sul do Piauí, e já conta com uma planta piloto.

Já foram investidos 120 milhões de reais em prospecção e certificação, entre outros itens, segundo a superintendente.

A Vale possui minas nos maiores países produtores de níquel, como o Canadá. Também produz níquel na Indonésia, Nova Caledônia e tem projetos no Brasil, além de refinarias no Japão, Coreia do Sul e Taiwan.

Não foi possível contatar imediatamente a Brazilian Nickel.

Autor(a): Sabrina Lorenzi

Fonte: Reuters Brasil

Data: 24/04/2013



DIAMANTES: PRODUÇÃO VAI CRESCER 495% EM DOIS ANOS

A cidade de Nordestina, na Bahia, tem a maior mina de diamantes do Brasil. A descoberta foi feita há uma semana. Desde 2008, a empresa Lipari Mineração, de origem canadense, iniciou pesquisas no município, mais especificamente na mina nomeada de Braúna. "Com a descoberta, a produção de diamantes no Brasil vai aumentar 495%", projeta o prefeito da cidade, Wilson Araújo Matos.

Só no primeiro dos 22 lotes, a empresa vai investir R\$ 100 milhões para produzir 225 mil quilates por ano. A mina fica em terras particulares, e a companhia pagará pela exploração. A previsão é de sete anos de trabalhos. Isso fará de Nordestina o maior produtor de diamantes brutos da América do Sul. A produção deve começar em 2015.

Por causa dos diamantes, Nordestina deve arrecadar R\$ 5 milhões por ano de royalties minerais. "Ainda serão criados, no mínimo, 500 empregos diretos. Fora a arrecadação do Imposto Sobre Serviços (ISS), entre outros", diz o prefeito. Além do aumento de receita, Nordestina deve ganhar em infraestrutura. A mineradora prometeu melhorar as estradas vicinais.

LOCALIZAÇÃO. Nordestina fica no semiárido da Bahia, a 359 Km da capital, Salvador. A população é de 12,5 mil habitantes. De acordo com o prefeito, os recursos naturais não devem ser prejudicados. "Eles (a mineradora) têm licença. Não vão agredir o meio ambiente e nem usar produtos químicos. Só água. E eles já fizeram uma tubulação", garante.

Fonte: O Tempo

Data: 25/04/2013



FÓRUM SOBRE AGÊNCIAS REGULADORAS EM BRASÍLIA EXPÕE CRISE ATUAL DA MINERAÇÃO

O Diretor-Presidente do IBRAM, José Fernando Coura, afirmou ontem (23) que a indefinição sobre o novo marco regulatório da mineração, que se prolonga por quase quatro anos, gera a maior crise do setor mineral brasileiro nos últimos 317 anos, desde que foi encontrado ouro pela primeira vez na cidade de Ouro Preto (MG), considerado o marco zero da mineração nacional.

"O cenário é terrível para a mineração brasileira. A produção mineral foi de US\$ 53 bilhões em 2011, reduziu para US\$ 51 bilhões em 2012 e não sabemos o que esperar para 2013. Além disso,

estudo feito pelo IBRAM mostra que de 1930 a 2012 o Brasil vem perdendo participação na produção mundial de minérios importantes no mercado internacional”, disse.

É o caso do minério de ferro. Sua produção no Brasil representou apenas 12,50% da produção mundial em 2012, ou seja, os mesmos níveis de 1980. No ano 2000 esta participação era de 20%. O minério de ferro responde por 63,3% da produção brasileira de minérios e é carro-chefe do setor em exportação. “O mesmo cenário ocorre com bauxita, ouro, carvão mineral e fosfato, por exemplo”, listou.

Fernando Coura apresentou palestra sobre o tema “Novo Marco Legal da Exploração Mineral no Brasil” em painel do IX Fórum Brasileiro sobre as Agências Reguladoras, realizado em Brasília pelo Instituto Brasileiro de Direito Público. A plateia contou com diversos profissionais do Direito, executivos de mineração e do setor de petróleo e gás, portos e ferrovias, além de autoridades públicas federais.

Judicialização

O dirigente do IBRAM foi enfático ao falar das consequências para o País devido ao longo prazo para que o governo federal submeta sua proposta de criação do novo marco regulatório da mineração ao Congresso Nacional. “Vamos para o quarto ano de indefinição deste marco regulatório e isso gera incertezas, judicializações e inibe ou pune a agregação de valor em território nacional”.

Em função da indefinição do marco regulatório, o IBRAM fez um levantamento de riscos para a atividade em 2013, da menor para a maior probabilidade de acontecerem. “Os itens Competitividade Internacional, Custos de Processos Jurídicos, Remuneração do Capital Investido e Segurança Jurídica são os mais graves para o setor”, revelou.

O Consultor-Geral Jurídico da Vale S.A. e titular do Conselho Diretor do IBRAM, Clóvis Torres Jr., presidiu a mesa de debates do painel. Ele também cobrou urgência na apresentação da proposta governamental do novo marco regulatório ao Congresso Nacional. “É fundamental ter o novo código, qualquer que seja, para que a indústria mineral continue a crescer”, afirmou (leia mais adiante).

Concordância

Segundo Fernando Coura, o setor mineral ainda não conhece a proposta governamental de novo marco regulatório. Porém, algumas propostas já ventiladas encontram concordância no meio empresarial tais como: a mineração deve ser encarada como uma atividade de utilidade pública (como já previsto em lei) e de interesse nacional; deve haver segurança jurídica, a estabilidade e o incremento da eficiência na regulação do setor de mineração; deve-se estimular a atração de investimentos para o setor mineral; implantação de políticas para saúde e segurança da atividade; garantia de investimentos mínimos anuais na pesquisa mineral; regime simplificado para lavra e aproveitamento de substâncias minerais tais como agregados para construção civil, calcários, argilas para cerâmica e outras; cobrança por ocupação ou retenção de áreas; criação do Conselho Nacional de Política Mineral – CNPM; redução na participação do proprietário do solo no resultado da lavra; criação da Agência Nacional de Mineração e do Conselho Nacional de Política Mineral.

Royalties

Fernando Coura também disse o que o setor espera em relação a alterações na cobrança e destinação dos royalties do setor, ou seja, a Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais: alíquotas respeitando critérios técnico-econômicos; alíquotas observando a dinâmica do mercado; reformulação da base de cálculo.

Outras propostas ainda não oficializadas pelo governo têm discordância das mineradoras, disse o dirigente, entre as quais, citou: procedimentos licitatórios em todos os regimes, inclusive na pesquisa mineral; estabelecimento de prazo de vigência da concessão da lavra; prazo para a retomada das operações mineiras inativas.

Licenciamento ambiental

O Presidente do IBRAM também lembrou que há propostas apresentadas ao governo pela indústria da mineração que poderiam vir a ser contempladas, de modo a estimular a atividade. Citou como exemplo alterações na legislação do licenciamento ambiental.

“Poderia haver previsão de estabelecimento, por Decreto Presidencial, de um sistema ou regime específico de licenciamento ambiental para a atividade de mineração. Leva-se até dez anos para obter licenciamento ambiental de um projeto de grande porte, além de todas as compensações ambientais, que formam um emaranhado de grande complexidade, inclusive dispendioso, para quem quer investir em mineração no Brasil”, afirmou.

“A questão ambiental deve ter regras aplicáveis especificamente ao setor, até mesmo com um sistema de licenciamento ambiental diferenciado para a mineração”, completou.

Estagnação

O dirigente também abordou a situação inusitada de suspensão das outorgas minerais pelo governo desde o ano retrasado. “Com a suspensão das outorgas minerais pelo governo desde novembro de 2011, a situação está se agravando porque o setor está estagnado”. Apenas outorgas referentes à produção de agregados para a construção civil estariam sendo liberadas pelo governo federal, informou.

Segundo Fernando Coura “o investidor só transforma seu capital em ativos no país quando tem a certeza de que será remunerado. Como isto acontece? Com aberturas de novos projetos (lavras) e expansões, produção de bens minerais (matéria-prima), uso de máquinas e equipamentos, alocação da força de trabalho, inserção na cadeia produtiva etc.”.

Menos US\$ 20 bilhões para o Brasil

O IBRAM estima que US\$ 20 bilhões estão deixando de ser investidos pela indústria mineral em razão da suspensão das outorgas. Em um prazo de cinco anos (2012 – 2016), as mineradoras haviam anunciado investimentos totais de US\$ 75 bilhões no Brasil, segundo levantamento do Instituto. “Agora, esse importante valor de US\$ 20 bilhões – que integra os US\$ 75 bilhões – está postergado, justo em um momento em que o País precisa muito de novos investimentos”, disse Fernando Coura.

“Isso gera perda de receita para as empresas, perda de arrecadação fiscal para o governo e, para a sociedade civil, são novos postos de trabalho que não puderam ser criados, ou ainda, desemprego em razão de paralisação de projetos”, disse o dirigente.

Ele observou que a atividade mineral “é cíclica”, que perdura por 25 a 30 anos. Neste momento, o setor vivencia cenário de redução de preços, com perspectiva de diminuição em novas prospecções e enxugamento de oferta para, mais adiante, retomar um ciclo novamente virtuoso.

O Presidente do Instituto disse que a suspensão das outorgas “prejudica muito o setor” e que as empresas precisam de liberdade e estímulo para manter a pesquisa mineral muito ativa. Mostrando estudos do IBRAM à plateia, ele disse que apenas 1% dos requerimentos de pesquisa encaminhados ao Ministério de Minas e Energia efetivamente “resultam em minas. É o que mostram dados oficiais de 1991 a 2010: para 419.480 requerimentos de pesquisa avaliados pelo Ministério, apenas 4 mil evoluíram para portaria de lavra. Ou seja, o risco do empreendedor é muito alto se apenas 1% das tentativas resulta em uma conquista efetiva”.

Mineradoras sofrem com panorama de redução de preços de seus produtos e já planejam demissões em função da paralisação de novos projetos minerais. “Diante desse quadro adverso, que inclui a suspensão das autorizações para novos projetos, entre os quais, 120 com todos os requisitos legais plenamente atendidos, como iremos convencer os investidores internacionais a aplicar recursos em projetos minerais no Brasil?”, questionou, acrescentando que “muito me preocupa o que será da produção mineral do Brasil nesses próximos anos”.

Fernando Coura encerrou sua fala clamando para que o projeto de lei propondo o novo marco regulatório seja apresentado com urgência pelo Executivo ao Congresso Nacional e defendendo que o setor mineral precisa ter segurança jurídica e ter os direitos adquiridos respeitados para poder continuar contribuindo para o País com sua produção mineral de alta qualidade.

Insegurança jurídica

O Consultor-Geral Jurídico da Vale S.A., Clóvis Torres, também reclamou do clima de insegurança jurídica para novos investimentos em mineração no Brasil ao mesmo tempo em que o

governo brasileiro solicita das empresas novos investimentos “para contribuir com o crescimento público”.

Segundo ele, “o Brasil é um país difícil para se investir em mineração”, mencionando exemplos de dificuldades impostas para o empresário conduzir seus projetos. Ele citou a legislação ambiental “muito exigente e dura”, o problema de regulamentação fundiária em terras onde há potencial mineral, em especial no estado do Pará, uma das novas fronteiras minerais do Brasil.

Clóvis Torres disse que o recente ciclo virtuoso da mineração “está acabado. A indústria mineral está em um momento de queda nos preços (dos minérios). As cinco maiores mineradoras do mundo tiveram seus presidentes demitidos em razão dos resultados, que não são mais os mesmos dos últimos anos. Hoje a indústria de mineração brasileira está absolutamente estagnada”.

Fonte: IBRAM

Data: 25/04/2013



PREÇO DO MINÉRIO FICARÁ ENTRE US\$110 E US\$160/T, DIZ VALE

A Vale avaliou nesta quinta-feira que o preço do minério de ferro deverá ficar entre 110 e 160 dólares por tonelada neste ano, oscilando entre estoques baixos na China atualmente e um esperado aumento na oferta da Austrália (principal exportador) esperado para o segundo semestre.

A maior produtora de minério de ferro do mundo apontou que a demanda para o principal ingrediente do aço está robusta na China e que o preço da commodity não deverá cair abaixo de 110 dólares neste ano, disse o diretor de Ferrosos da Vale, José Carlos Martins, durante uma teleconferência para comentar os resultados do primeiro trimestre, divulgados na véspera.

"Não acreditamos que preço possa sofrer muito, acreditamos que as perspectivas de longo prazo deverão continuar favoráveis para o nosso produto", disse Martins a analistas, ao comentar a maior oferta esperada da Austrália.

Os preços no mercado à vista na China foram cotados a cerca de 134 dólares por tonelada nesta quinta-feira, segundo um índice referencial.

A demanda na China, maior consumidor de minério de ferro do mundo, está sendo impulsionada pela produção de gusa e DRI, explicou Martins.

O ferro-gusa e o DRI (formas brutas do metal) estão acrescentando cerca de 70 milhões de toneladas na demanda chinesa por minério de ferro no mercado global.

No primeiro trimestre de 2013, o mercado do aço na China mostrou performance "muito boa", disse Martins.

Apesar do aquecimento da demanda e dos baixos estoques de minério em portos e siderúrgicas, situação que ainda persiste segundo a Vale, o preço do minério de ferro vendido pela mineradora foi, em média, de 111,69 dólares por tonelada nos primeiros três meses do ano, uma queda de 5,4 por cento em relação à média do mesmo período do ano passado --a cotação ficou acima dos 100,43 dólares do quarto trimestre.

Além da sustentação da China indicada no balanço financeiro da Vale (segundo o qual portos e siderúrgicas continuam com estoques baixos), o cenário para demanda por minério de ferro na Europa é estável, disse Martins.

Uma maior produção prevista de minério na Índia também não deverá afetar os preços, já que o produto deverá ser consumido internamente, segundo o executivo.

A Vale disse também que preço do níquel só tende a subir, e que o "cenário de longo prazo do preço do cobre é bom".

A Vale teve lucro líquido de 6,2 bilhões de reais no primeiro trimestre deste ano, superando as estimativas de analistas, com cortes de custos ajudando a empresa a compensar a queda no preço do minério de ferro.

PRECIFICAÇÃO APÓS ENTREGA

A Vale informou que contratos de venda de minério com média de preços defasada (fórmula que considera a média de três meses com um mês de defasagem) ajudaram a mineradora no quarto trimestre, mas no primeiro trimestre afetaram a companhia porque não captaram na íntegra a disparada da commodity no mercado chinês.

Em fevereiro, o preço chegou a ser cotado em uma máxima de 16 meses, a 158,90 dólares por tonelada.

Os preços realizados (médio) do minério de ferro aumentaram em relação ao trimestre anterior. Este acréscimo, porém, foi suavizado pela queda significativa dos preços de contratos baseados na média dos índices de preços com defasagem, explicou a mineradora em seu relatório financeiro.

No último trimestre, houve um crescimento para 34 por cento das vendas de minério na base no mercado "spot", após a data de entrega, ante cerca de 30 por cento no quarto trimestre e apenas 2 por cento no mesmo período de 2012.

Esse tipo de precificação ganhou espaço especialmente sobre os contratos de venda com base corrente (preços spots, mensais e do trimestre corrente), que ainda assim respondem por 53 por cento do total; enquanto a precificação atrelada à média de três meses com um mês de defasagem (VRP) representou 13 por cento do total.

Questionado sobre essa migração dos clientes para o "spot", após a data de entrega, Martins disse que os clientes têm preferido essa precificação como forma de sair do risco em um mercado volátil.

Ele também avaliou ainda que isso não tem relação com recentes movimentos da China de exercer maior poder nas negociações com as grandes produtoras de minério.

"Não vejo nisso nenhuma tentativa de fazer qualquer manipulação, e do nosso lado é o nosso risco, para nós esse risco é perfeitamente suportável", afirmou, em teleconferência para a imprensa.

Reportagem da Reuters desta semana informou que a China deixará de conceder novas licenças para importadores de minério de ferro a menos que eles participem de uma plataforma doméstica de negociações, no mais recente movimento do maior consumidor mundial da matéria-prima para tentar diminuir o poder das mineradoras globais de estabelecer preços.

Autores: Sabrina Lorenzi, Jeb Blount e Roberto Samora

Fonte: Reuters

Data: 25/04/2013



Para maiores informações: <http://6lacs.com/6thLACS/Home.html>